



O PIX COMO FORMA DE MERCANTILIZAÇÃO DO AMOR De aplicativo de transações bancárias para mecanismo de “paquera”

Felipe Mateus de Almeida

Doutorando em Sociologia pelo
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade Federal de
Goiás – PPGS /UFG.

Neste artigo de opinião, trataremos do tema da mercantilização do amor, que é um fenômeno que está diretamente associado ao processo de expansão e desenvolvimento do modo de produção capitalista. Para sustentar nosso argumento, estaremos utilizando como exemplo o aplicativo *Pix*, que foi colocado em uso com o objetivo de servir como uma plataforma de transações financeiras e agora tem sido utilizado como mecanismo de paquera.

O modo de produção capitalista está em processo de constante mudança e transformação, sempre tendo como principal objetivo combater a queda da taxa de lucro médio através da extração de mais-valor absoluto e relativo, contribuindo, assim, com o processo de dominação exercido pela burguesia e as demais classes superiores sobre o proletariado e as demais classes inferiores presentes na sociedade capitalista.

Sempre que ocorre uma queda na taxa de lucro médio e uma crise no modo de produção capitalista, o que está associado diretamente à luta de classes, tem-se o surgimento de um novo regime de acumulação, o que conseqüentemente leva a um conjunto de transformações nas relações de trabalho e relações internacionais, além do surgimento de uma nova forma de Estado, que é o principal mecanismo de regularização das relações sociais e representa os interesses da burguesia e das demais classes superiores.

Na contemporaneidade, tanto nos países imperialistas quanto nos países de capitalismo subordinado – obviamente que com diferenças setoriais entre um país e



outro – estamos vivendo sobre a lógica da acumulação integral, onde se tem o surgimento do *toyotismo* enquanto forma de se organizar o trabalho, o neoimperialismo e o Estado Neoliberal enquanto instituição que atua na regularização das relações sociais em tempos de acumulação integral (VIANA, 2009; ALMEIDA, 2020).

O regime de acumulação integral foi responsável por uma série de inovações e transformações que atingem não só as relações de trabalho, as relações internacionais ou o Estado, mas sim todas as relações sociais desenvolvidas pelos indivíduos na sociedade capitalista. Além disso, no capitalismo em época de acumulação integral, o processo de burocratização e mercantilização das relações sociais se torna cada vez mais intenso, interferindo diretamente na maneira em como os seres humanos estabelecem relações uns com os outros em seu cotidiano.

No regime de acumulação integral, a tecnologia se desenvolve de maneira acelerada, desembocando em diversos tipos de computadores, celulares, *tablets*, *laptops* e demais aparelhos que são utilizados para nos conectarmos a internet. Podemos afirmar que a internet foi uma das principais inovações da contemporaneidade, pois com esse mecanismo é possível se conectar com indivíduos do mundo todo, seja para trabalho, lazer ou simplesmente obter alguma informação sobre um determinado acontecimento. Junto com esses aparelhos que são utilizados para nos mantermos conectados a internet, também surgiram e ainda surgem diversos aplicativos e redes sociais criados por profissionais do setor da Tecnologia da Informação e que estão subordinados ao capital comunicacional (VIANA, 2020). Portanto, os aplicativos *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram*, *Tinder*, *YouTube* e *Twitter*, são exemplos de redes sociais que se tornaram dominantes na rede mundial de computadores, estando presentes praticamente no mundo todo.

No caso do Brasil, além dessas redes sociais que foram citadas acima, é comum o uso de aplicativos bancários para o pagamento de contas, consulta de saldo, transferências e depósitos, bem como uma série de redes sociais – como o *Tinder*, por exemplo – que são utilizadas para marcar encontros amorosos ou para fazer novas amizades.

Um aplicativo que entrou em uso no Brasil no final do ano passado e já tem sido baixado por vários indivíduos em nosso país é o *Pix*. O *Pix* é um aplicativo



desenvolvido pelo Banco Central do Brasil e com ele é possível se fazer pagamentos através de transferências bancárias de uma pessoa para outra ou de uma pessoa para uma determinada empresa. Com esse aplicativo é possível se fazer um pagamento sem sair de casa ou se deslocar até uma agência bancária para pagar um boleto ou realizar uma transferência ou *TED*. Além disso, não existe limite de valor para transações no *Pix* e o dinheiro já cai automaticamente na conta do indivíduo ou na empresa selecionada para receber o pagamento. Outra facilidade do aplicativo é que para se realizar um pagamento, não é necessário se memorizar o número de conta, agência bancária etc. Basta ter acesso a chamada “chave pix”, que pode ser o CPF, número de telefone, *e-mail* ou combinação aleatória de números. Essa chave fica vinculada ao banco no qual o indivíduo fez o seu cadastro.¹

De fato, o *Pix* vem proporcionando certa facilidade e comodidade a quem o utiliza, graças aos elementos que foram elencados no parágrafo anterior. Porém, o aplicativo já tem ganhado uma função secundária e que destoa da sua principal utilidade que é servir como um sistema de transações bancárias.

O *Pix* tem se transformado em uma espécie de rede social de relacionamentos amorosos, onde indivíduos buscam encontrar alguém – seja para sexo casual ou até mesmo para algo duradouro – através da realização de transações bancárias via *Pix*. Já tem se tornando comum ver em redes sociais como *Instagram* e *Whatsapp*, pessoas utilizando frases como “Não me mande flores, mas me mande um *Pix*” ou então “Não me dê presentes, me dê um *Pix*”.

Essa prática tem se tornado tão comum que já tem atraído até mesmo o capital comunicacional, sendo que no dia 07 de fevereiro de 2021, o programa Fantástico, exibido todos os domingos no horário nobre da Rede Globo de Televisão, exibiu uma matéria exclusiva sobre essa questão, o que com certeza deve ter sido assistido por milhares de brasileiros. Além disso, no *Instagram* já é possível ver páginas relacionadas a essa questão, sendo que uma delas, com o nome de “*Pix Lovers*”, criada em janeiro de 2021, já conta com mais de 35 mil seguidores.²

¹Para mais detalhes sobre o aplicativo Pix, basta acessar o seguinte endereço: <https://tecnoblog.net/365889/o-que-e-pix/>

²Para mais informações, basta acessar o seguinte link: <https://www.instagram.com/pixloveers/?hl=pt-br>



Apesar do capital comunicacional tratar esse fenômeno como brincadeira, o que é bastante comum no entretenimento proporcionado pela TV aberta até mesmo em seus programas considerados mais sérios, como é o caso dos jornais e noticiários, existem dois problemas na utilização do *Pix* enquanto rede social para se marcar encontros amorosos ou enquanto mecanismo de paquera. O primeiro problema se refere justamente ao compartilhamento de dados com pessoas que você não conhece, tendo em vista que a pessoa disponibiliza a sua chave *pix* em suas redes sociais, sendo que essa chave – como já fora dito em linhas anteriores – pode ser o CPF, o *e-mail*, o telefone ou um conjunto de números aleatórios. Compartilhar dados sigilosos com terceiros é um “prato cheio” para a realização de golpes e fraudes, sobretudo aqueles que envolvem questões financeiras, o que pode transformar a paquera e o possível encontro amoroso em caso de polícia.

O outro problema em relação ao uso do *Pix* enquanto rede social ou aplicativo de paquera é justamente o que dá nome a esse pequeno artigo de opinião: a mercantilização do amor. Como já fora dito em linhas anteriores desse texto, no regime de acumulação integral ocorre um processo ferrenho de burocratização e mercantilização das relações sociais, atingindo todas as interações e relações que ocorrem entre os indivíduos, o que inclui o amor.

Evidentemente que não estamos defendendo nesse artigo aquela forma de amor, que podemos chamar de amor doentio, onde a pessoa praticamente trata seu parceiro ou parceira como uma entidade divina, possuidora de todas as qualidades e de nenhum defeito. Uma forma amor onde o ser humano fica cego, muitas vezes abrindo mão de tudo e de todos para se dedicar única e exclusivamente a seu parceiro ou parceira. Todo ser humano que se encontra presente na sociedade capitalista, até mesmo aqueles que defendem a superação dessa sociedade e do modo de produção que a gera, possuem defeitos e contradições, que em sua maioria são potencializados pelas relações sociais burocratizadas e mercantilizadas decorrentes da acumulação integral de capital.

Também não estamos condenando aqueles indivíduos que buscam apenas a satisfação sexual em um encontro, pois o sexo é uma necessidade fisiológica dos seres humanos, servindo como prática que traz saúde e também como mecanismo de reprodução da nossa espécie.



O que estamos criticando é justamente o quanto estamos inseridos em uma lógica de burocratização e mercantilização dos nossos valores e sentimentos. O caso do *Pix* – que não foi criado com o objetivo de se tornar uma rede social para relacionamentos amorosos, mas tem sido utilizado por muitos indivíduos para isso – é um exemplo claro desse processo. Assim como acontece no *Tinder*, que é uma rede social criada exclusivamente para relacionamentos amorosos, os indivíduos se enxergam no *Pix* como mercadorias, como objetos de desejo e consumo que não possuem sentimentos e que podem ser adquiridos a qualquer hora e a qualquer momento através de um simples clique na tela do celular ou de uma transferência bancária.

E a tendência é as pessoas acharem tal ato ou prática normal e engraçada, sendo que na verdade isso representa o quão psicologicamente miseráveis e vazios de sentimentos podemos nos tornar na sociedade capitalista. Hoje estamos vivendo o modo TER ao invés do modo SER (FROMM, 1982), além de estarmos inseridos em uma patologia da normalidade (FROMM, 1970), onde atos como os que acontecem no *Pix* são considerados normais e aqueles que criticam ou veem isso com outros olhos são chamados de chatos.

Nossos valores e sentimentos encontram-se submersos nessa lógica de burocratização e mercantilização das relações sociais, contribuindo para a manutenção da divisão do trabalho e a divisão entre as classes sociais e fazendo com que a burguesia e as demais classes superiores continuem exercendo o seu processo de dominação sobre a classe proletária e as demais classes inferiores presentes na sociedade capitalista.

Mas apesar dessa afirmação, não devemos nos abater diante de toda essa miséria psíquica e obliteração de nossas potencialidades que são consequência da burocratização e mercantilização das relações sociais. Apesar de estarmos inseridos nessa lógica, isso não quer dizer que não há solução para esse problema. A solução encontra-se na crítica desapiadada do modo de produção capitalista e de todas as suas relações sociais, além da defesa do fim dessa sociedade e da criação de uma nova sociedade e de novas relações sociais, tendo como base a autogestão social.

Somente assim poderemos desenvolver nossos valores e sentimentos de maneira verdadeiramente livre, o que inclui não só o amor, mas também a compaixão, a humildade, a ética, dentre outros.

Referências

ALMEIDA, Felipe Mateus (Org.). *O Regime de Acumulação Integral: Retratos do Capitalismo Contemporâneo*. Goiânia: Edições Redelp, 2020.

FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

FROMM, Erich. *Ter ou Ser?* 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

VIANA, Nildo. *O capitalismo na era da acumulação integral*. São Paulo: Ideias & Letras, 2009.

VIANA, Nildo. *Teses sobre o capital comunicacional*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.